

**Texto proferido na Palestra: Cuidar – Verbo Transitivo realizada pelo
Humanidade AT**

Por: Nichan Dietchkenian

Outubro/2018

Nossa reflexão a respeito do cuidar, pode se iniciar nos perguntando se o cuidar é uma eventualidade em nossa existência ou possui uma característica permanente, ou melhor, onipresente em todos nós.

E, um primeiro avanço em nossa reflexão, indica que o cuidar, entre outros modos humanos de ser, se apresenta, com estas duas peculiaridades de presença.

É, o cuidar, um modo onipresente, sempre presente, enquanto modo de ser de nós humanos e, ao mesmo tempo, é um modo específico, peculiar de nosso existir, de nosso estar-aí-no-mundo, de nosso ser-aí-no-mundo-com-os-outros.

Agora, vamos nos aprofundar em cada uma destas duas dimensões constituintes do cuidar.

Para isso poder ser aclarado, precisamos nos voltar para um aspecto próprio, inerente, ao ser humano que é o de que ele existe.

Quer dizer, o ser humano, entre outros infinitos entes, se caracteriza, ou melhor, seu modo essencial de ser, sua dimensão ontológica, sua dimensão própria, diferenciadora de outros entes, é o de ele, o ser humano ser existência.

Então, o modo próprio de ser humano, enquanto existência, é de ser abertura.

E abertura, aí, quer dizer, ek-sistere, ser, estar (sistere) para fora, estar aberto.

Isto é, na sua peculiaridade de ser, o humano é aberto, quer dizer, sensível, afetável, tocável, por tudo aquilo que não é ele mesmo, inclusive sensível a modos inéditos, encobertos de ser ele-mesmo.

Esta particularidade ontológica, esta particularidade essencial, própria e exclusiva do ser humano, o de ser existência, abertura para o diferente de si, faz com que ele, o humano, esteja aí, no seu existir, como um ente que inevitavelmente, necessariamente, é-no-mundo-com-os-outros-diferentes-de-si.

A Fenomenologia existencial nomeia este modo de ser/estar do Humano como ser-no-mundo.

O Ser Humano, o modo-de-ser humano, ao ser-no-mundo-com-os-outros, vive, também, inevitavelmente, a transformação, a mudança, o novo, o nunca-mais e o ainda-não, a esperança e a depressão. Isto porque a inevitável situação existencial de ser sensível, tocável pelo mundo e, principal e decisivamente, pelos outros humanos, oferece a ele a possibilidade de viver o inédito de si, o nunca antes antevisto em si, a partir de ser penetrado, sacudido, interpelado por um outro humano, um outro diferente, muitas vezes oposto de si-próprio.

Nossa sensibilização pela presença de um outro ser humano, ao, então, nos tocar verdadeiramente, provoca em nós, evoca a favor de, um desejo de aproximação, que implica, necessariamente, o desabrochar de possibilidades inéditas e nossas de ser. Este acontecer, este acontecer no sentido próprio da palavra acontecer, tem o nome de tempo, um viver o adeus de termos sido quem fomos e encarnarmos um novo, estranho, assustador, hipnótico modo inédito de sermos.

Mas, não é, apenas a transformação que o modo essencial de ser existência implica.

Vimos até agora que o existir, que é inerente ao existir, o ser no mundo com os outros, é viver a provocação, o chamamento, e, conseqüentemente, o corresponder a este chamado ou, ao contrário, se fechar, se sentir ameaçado pelo apelo do outro.

E, conseqüentemente, o tempo nasce a partir deste inevitável envolvimento, deste inevitável ir ao encontro do que me chama, a partir do outro, outro não igual a mim, mas que me toca e me interpela, me solicita como presença, como testemunha, além, muito além das minhas possibilidades específicas e eficientes de responder ao conteúdo de sua solicitação.

E, então, vivendo o ser testemunha, vivendo o ser “só” testemunha, só aquele que reafirma, escutando, o que o outro, um outro me traz, provoca em mim um abalo, uma transformação, uma forçosa e inevitável constatação vivida por mim, de um inédito, de um solitário e intransferível instante de existência, que é o outro, outro ser humano, como eu, que me traz, um modo-de-ser, uma presença na vida, que me inquieta, que me interpela, que me interroga, me dizendo, silenciosa e inabalavelmente, por que não esse modo de ser, qual o sentido de ser deste modo no existir próprio, nem sempre claro a seu protagonista?

E, eu, volto a afirmar, sou testemunha, pode-se dizer exigida de firmar junto, quer dizer, confirmar, do meu modo, o modo-de-ser-do-outro, o modo-de-ser inevitável e ao mesmo tempo, obscuro deste que, desesperadamente, me tem como seu outro-que-pode-ser-ele-mesmo.

Eu, testemunha, quase por acaso, quase sendo aquele que estava aí, na proximidade institucional, até, talvez, na proximidade geográfica, sou chamado, ou melhor, sou eleito, sou designado, sou considerado aquele que pode cuidar, ou ainda pode receber, diretamente, a solicitação deste que vai viver, ao se impactar comigo, o outro que pode ser ele mesmo.

O outro que pode-ser-ele-mesmo, o outro com quem, sim, o Quem, o Alguém, em quem posso depositar a confiança-expectativa de ser quem pode compreender, perceber o sentido de eu-ser-como-sou.

Como, meu deus, como posso viver uma esperança de que este outro, irreduzível a mim, um estranho a mim, de que este outro, irreduzível a mim, possa me acolher e me compreender.

Este outro, ousado em seu posicionamento, quase ingênuo no seu estar-na-vida-com-os-outros, freme, treme, na medida direta de saber

experiencialmente que o outro, um outro, é, sempre, necessariamente, a princípio, inacessível, inesgotável, indecifrável.

Mas, então, se, existencialmente, há uma fronteira intransponível entre cada ser humano, o que significa cuidar, contactar, tocar, interferir, contribuir e se apresentar ao existir do outro, deste outro misterioso, inesgotável, na sua peculiaridade de ser?

Inacessível na sua própria maneira de ser? Inacessível a si mesmo?

O que é cuidar, mantendo as fronteiras deste outro preservadas? O que é cuidar oferecendo mudança, sem destruir a possibilidade permanente de ser?

É ser testemunha?

Sim.

É ser esforço de compreender o sentido de ser, a suficiência de ser, deste outro que me tem como seu parceiro no seu estar-no-mundo-com-os-outros?

Sim.

Então, se estas são algumas das perguntas fundamentais a respeito de nosso estar com o outro no modo do cuidar, o cuidar, no seu próprio modo de ser com os outros é ser testemunha afirmativa e ser um outro que clareia, que esclarece o sentido de ser como tem sido, até então, este outro que me solicita.

O sentido de ser como podemos ser, que é o procurado desesperadamente por quem nos solicita é o ponto de partida para uma abertura real, inevitável para novas possibilidades de ser, para novos e inéditos horizontes que surgem, a partir da validação do que vivemos aqui e agora.

Cuidar não é invalidar um modo de ser. É procurar o sentido de ser do modo que está sendo, para então, só então, novas possibilidades se abram, naturalmente.

Cuidar é, então, depositar uma genuína esperança em quem, solitário e desesperado, não encontra um parceiro para sua própria e insubstituível

aventura de viver a sua existência, a sua original, inédita maneira de estar-aí-no-mundo-com-outros.